

## O MONUMENTO ENEOLÍTICO DE SANTIAGO DO ESCOURAL (1)

Por

M. FARINHA DOS SANTOS

e

O. DA VEIGA FERREIRA

### I — LOCALIZAÇÃO DO MONUMENTO

O monumento que vamos agora estudar fica situado a meio da encosta de um outeiro a cerca de 200 m para WSW da gruta da Herdade da Sala, freguesia de Santiago do Escoural, concelho de Montemor-o-Novo, e à vista da estrada que liga aquela localidade com Évora.

### II — HISTÓRIA DA DESCOBERTA

Em 15 de Agosto de 1964, quando se efectuava a segunda campanha da gruta do Escoural (2), chegou ao nosso conhecimento que alguns trabalhadores tinham achado, cerca de duas semanas antes,

---

(1) M. Farinha dos Santos, «A necrópole de tipo «thólos» de Santiago do Escoural». *O Arqueólogo Português*, 3.ª Série, I vol., Lisboa, 1968.

(2) M. Farinha dos Santos, «Vestígios de pinturas rupestres descobertas na Gruta do Escoural», *O Arqueólogo Português*, N. S. T. V, Lisboa, 1964.

— A. Glory, M. Vaultier e M. Farinha dos Santos, «La grotte ornée de Escoural (Portugal)». *Bull. de la Soc. Préh. Française*, T. LXII, Paris, 1966.

— M. Farinha dos Santos, *Arqueologia do concelho de Montemor-o-Novo — realizações, problemas e perspectivas*, Montemor-o-Novo, 1967.

— Idem, Idem «Novas gravuras rupestres descobertas na Gruta do Escoural», *Revista de Guimarães*, vol. LXXVII, Guimarães, 1967.

— Idem, Idem «Gruta do Escoural», *Enciclopédia Verbo*, vol. VII, f. 78, Lisboa, 1968.

pedras gravadas, ossos e loiças, ao preparar um forno para fazer carvão, no cabeço da Herdade da Sala, fronteiro ao lado nascente da referida gruta, em lugar de que dista menos de 200 m.

Um desses camponeses, de nome António Salvador Caetano, contou-nos que, quando, com os companheiros, estava a cobrir de terra a lenha do forno, apareceram ossos e fragmentos de placas e de cerâmica e, também, seis placas inteiras e um pequeno vaso.

Observando, na mesma data, o local recolhemos à superfície, na periferia do forno, alguns desses restos e verificámos que a parte revolvida não atingira profundidade superior a 30 centímetros.

Junto ao forno afloravam, na altura, cinco lajes pouco espessas, colocadas ao alto, de cutelo e a anunciar a planta arredondada, o que associado ao espólio descoberto, permitiu considerar a existência de uma construção tumular.

Como cada fornada de lenha, coberta de terra, leva cerca de 40 dias a transformar-se em carvão, adiámos para a última semana de Setembro seguinte o início do estudo deste monumento.

Procurámos recolher, entretanto, as placas e os vasos encontrados pelos trabalhadores mas só conseguimos obter duas dessas placas e fragmentos de um pequeno vaso, com fractura recente, abandonados em terreno próximo.

Logo que o carvão foi retirado, e com autorização do proprietário da Herdade, iniciámos a crivagem das terras revolvidas e carbonizadas, onde se encontrou diverso espólio muito fracturado e algumas peças de sílex, demorando esta recolha de 26 de Setembro a 3 do mês seguinte.

Retiradas as terras remexidas, principiou-se a escavação do local em 19 de Outubro de 1964.

### III — LISTA DO ESPÓLIO RECOLHIDO

#### A) ARMAS

##### a) *Sílex*

- uma alabarda e um fragmento de outra
- 13 lâminas e diversos fragmentos com retoques
- 21 lâminas e diversos fragmentos sem retoques

- 189 pontas de seta com base côncava
- 40 pontas de seta com base recta
- 55 pontas de seta de «tipo Alcalar»
- 1 ponta de seta com pedúnculo e aletas
- 3 pontas de seta com pedúnculo
- 21 micrólitos triangulares

b) *Jaspe*

- 24 pontas de seta com base côncava
- 22 pontas com base recta
- 3 pontas com base convexa
- 1 ponta de «tipo Alcalar»

c) *Quartzo hialino*

- 6 pontas de seta com base côncava
- 7 pontas de seta com base recta
- 1 ponta de seta com pedúnculo
- 3 micrólitos triangulares
- 31 lascas residuais
- 33 núcleos

d) *Calcedónia*

- 3 pontas de seta de «tipo Alcalar»
- 3 pontas de seta com base côncava

B) OBJECTOS DE USO COMUM

a) *Osso*

- 2 furadores
- 1 fragmento de outro

b) *Pedra polida*

- 1 machado de anfíbolito

- 1 escopro de anfíbolito
- 5 fragmentos antípicos de anfíbolito
- 1 enxó de fibrolite

### C) OBJECTOS DE ADORNO

#### a) *Osso*

- 4 fragmentos de corpo de alfinete de cabeça postiça

#### b) *Jaspe*

- 1 pequena placa furada (pendente)

#### c) *Serpentina*

- 1 pendente triangular

#### d) *Xisto anfibólico*

- 1 pendente trapezoidal
- 1 pendente triangular
- 1 pendente losânguico

#### e) *Xisto ardosião*

- 1020 contas discóides

#### f) *Anfibolito*

- 3 contas bicónicas
- 8 contas globulares
- 1 conta cilíndrica

#### g) *Azeviche*

- 1/2 conta cilíndrica
- 3 contas tronco-cónicas (2 metades)

## D) OBJECTIVOS A QUE SE ATRIBUI FINALIDADE RELIGIOSA

a) *Xisto ardosiano*

- 98 placas trapezoidais completas
- 2 placas antropomórficas
- 65 fragmentos de placas
- 1 fragmento de «báculo»

b) *Cloritoxisto*

- 2 placas

## E) CERÂMICA

a) *Lisa*

- 5 vasos hemisféricos «tipo dolménico»
- 1 urna com bordo inclinado para dentro «tipo Almeria»
- 1 taça carenada com bordo inclinado para o interior
- 1 taça carenada «tipo argárico»
- 1 vaso hemisférico de paredes direitas
- 1 vaso hemisférico com bordo saliente e paredes direitas
- 1/2 tijela tipo «cuenco»
- 1/2 taça carenada de bordo alto
- 1/2 taça carenada de bordo baixo «tipo argárico»
- 1/2 urna de paredes direitas e bordo recto com furo de suspensão
- 4 meios vasos hemisféricos
- fragmentos de 3 taças carenadas de bordo baixo
- 1 taça carenada de bordo baixo com botões na carena
- 1 urna de paredes direitas com carena
- 1 urna carenada de paredes altas

b) *Ornamentada*

- 1 urna carenada de paredes altas com ornamentação de traços incisos mais ou menos paralelos ao bordo

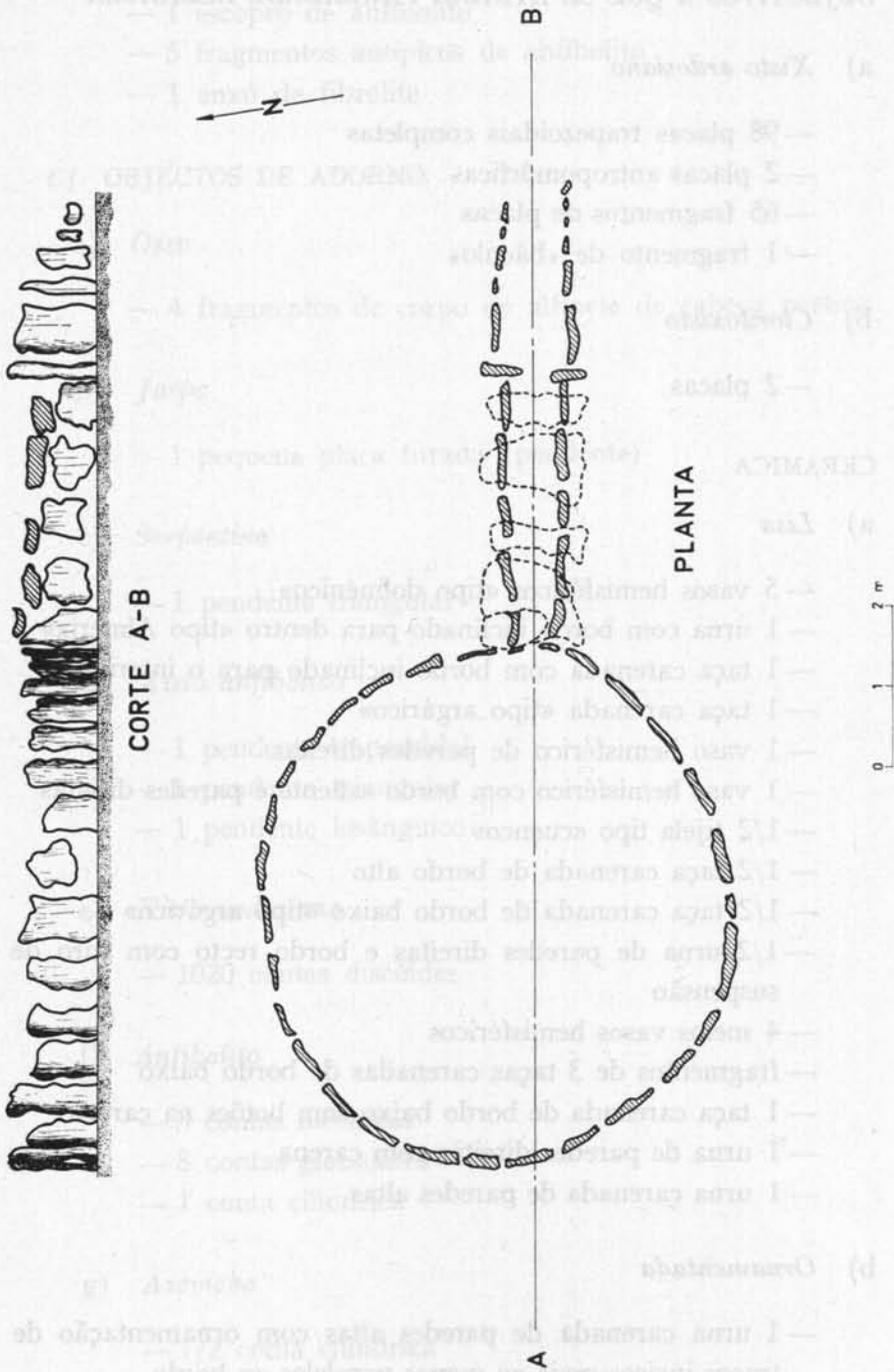


Fig. 1 — O monumento eneolítico do Escoural em corte e planta.

- 1 vaso globular com traços semelhantes aos da tatuagem facial
- 1 urna hemisférica ornamentada com cordões em relevo ao alto, com tracejado horizontal e pequenas asas de suspensão de furo vertical

c) *Placa de barro elíptica com dois furos de suspensão*

#### F) DIVERSOS

- a) 1 placa polida de metal ou mineral muito leve da cor do bronze patinado

#### IV — DESCRIÇÃO DO MONUMENTO

*Câmara:* com  $6,25 \times 5,75$  de diâmetro, de planta quase circular e revestida de 30 lajes, colocadas verticalmente, que apresentam as seguintes dimensões médias: altura — entre 1 m e 1,20 m; largura que regula por 0,50 m; espessura, que só em alguns casos, excede os 0,10 m. No interior encontraram-se 52 lajes de configuração irregular, placóides cujas medidas médias são:  $1,00 \times 0,50 \times 0,10$  m, as quais estavam distribuídas por toda a câmara, a profundidades e em posições diversas, a cobrir a terra que continha a maior parte do espólio<sup>(3)</sup>. Considerado o largo vão com cerca de 6 m de diâmetro e a irregularidade da forma das lajes existentes no interior da cripta, é possível admitir que tenha existido uma cobertura sustentada por estrutura mais leve, talvez de traves de madeira, sobre a qual as lajes estariam dispostas imbricadamente. Não apareceu qualquer abertura no terreno, ao centro, que justificasse a existência dum pilar. O fundo da câmara é formado pela rocha natural, rochas do complexo cristalofílico<sup>(4)</sup>.

---

(3) Abel Viana, R. Freire de Andrade e O. da Veiga Ferreira, «Um túmulo de «tipo alcalarense» nos arredores de Aljustrel», *Revista de Guimarães*, vol. LXXI, fasc. 3-4, Guimarães, 1961.

(4) Abel Viana, R. Freire de Andrade e O. da Veiga Ferreira, «Descoberta de dois monumentos de falsa cúpula na região de Ourique», *Revista de Guimarães*, vol. LXXI, n.º 1-2, Guimarães, 1961.

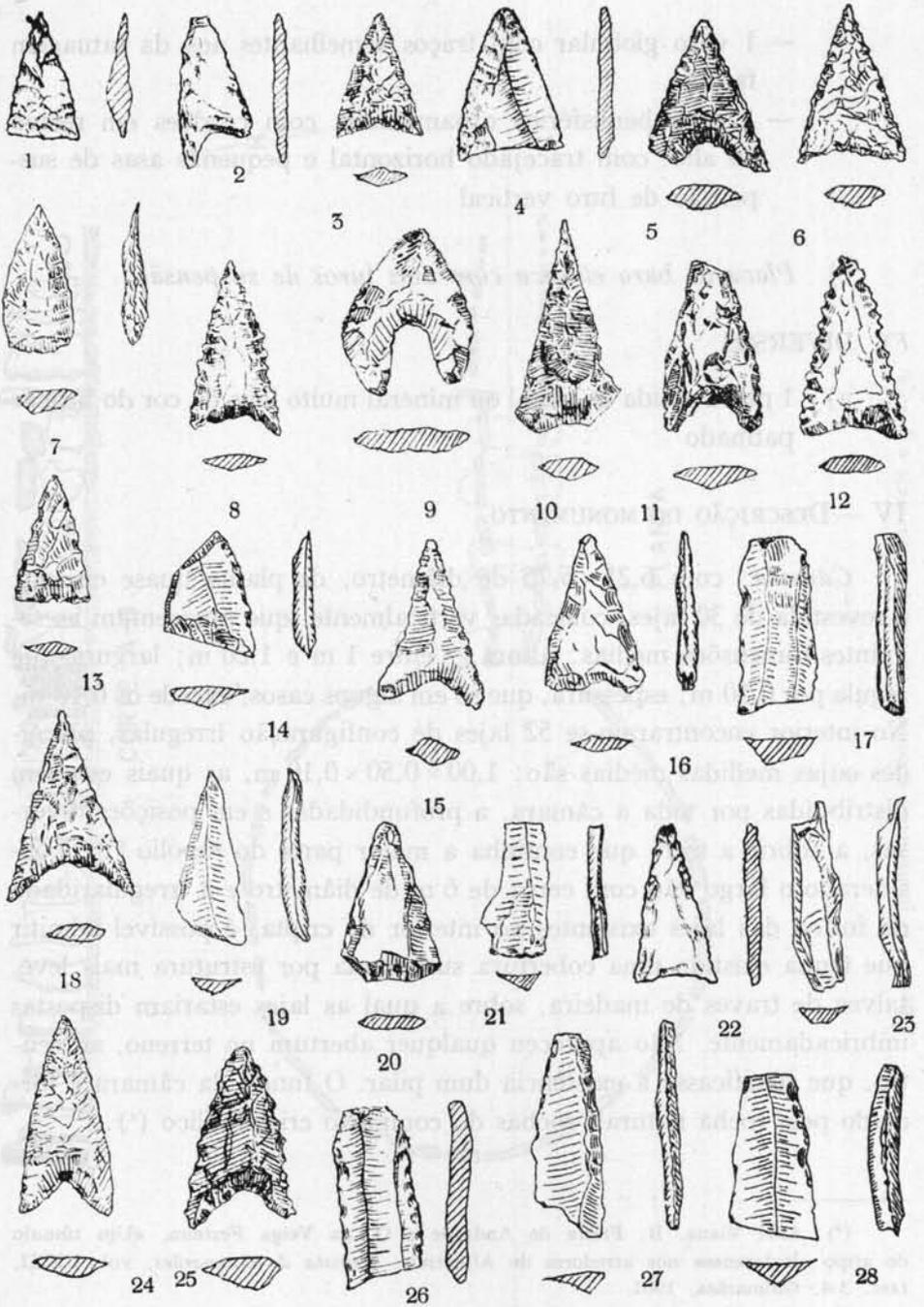


Fig. 2

1-16, 18, 20, 22, 24-25 — Pontas de seta, 19 — Micrólito, 17, 21, 23, 26-28 — Lâminas de sílex ( $1/1$ )

*Corredor:* com a estrutura inicial bem conservada tem 3,40 m de comprimento e apresenta junto à porta que dá para o átrio, e em grande parte do seu percurso, a largura de 0,65 m para terminar à entrada da câmara com 0,40 m. Revestido por cinco lajes de cada lado, disposta verticalmente, mostra no lado direito, quando se entra, a altura média de 0,50 m e no lado esquerdo 0,75 m. Esta diferença, destinada a compensar o desnível do terreno, originou a disposição um pouco oblíqua das lajes da cobertura. O corredor apresenta-se coberto por cinco lajes uma das quais assenta noutra maior, com intervalos entre si devido ao seu recorte irregular, admitindo-se que falte uma laje no espaço central de cerca de 0,50 m deixado a descoberto; as lajes da cobertura prolongam-se lateralmente, para além dos apoios, cerca de 0,25 m. O corredor termina por duas ombreiras a formar porta, com 1,10 m de altura e contorno irregular no sentido transversal, apresentando a do lado esquerdo, quando se entra, cerca de 0,25 m de largo e a do lado direito 0,25 m junto ao solo e 0,50 m na extremidade superior.

*Átrio:* tem 2,35 m de comprimento e a largura aumenta dos 0,70 m à entrada para 0,80 m junto à porta de acesso ao corredor. Encontra-se revestido por cinco lajes, colocadas verticalmente, de cada lado e que apresentam alturas variáveis e decrescentes, a partir da porta até à entrada entre 1 m e 0,50 m.

O monumento mostra ténues vestígios de colina tumular e está orientado para Sudeste. Trata-se, como se vê pela descrição, de uma autêntica construção circular com cripta, corredor e átrio de entrada, a que não faltam as respectivas ombreiras nos portais de acesso. Esta construção é vulgarmente chamada *thólos*.

## V — EXPLORAÇÃO

Para a exploração marcou-se uma linha de referência, a partir do ponto fixado numa das lajes, na presumível área a retirar, assinalada, em parte, pelo contorno de algumas pedras e dividiu-se o terreno a escavar em talhões cujo lado menor, de 1 m, se mediu na citada

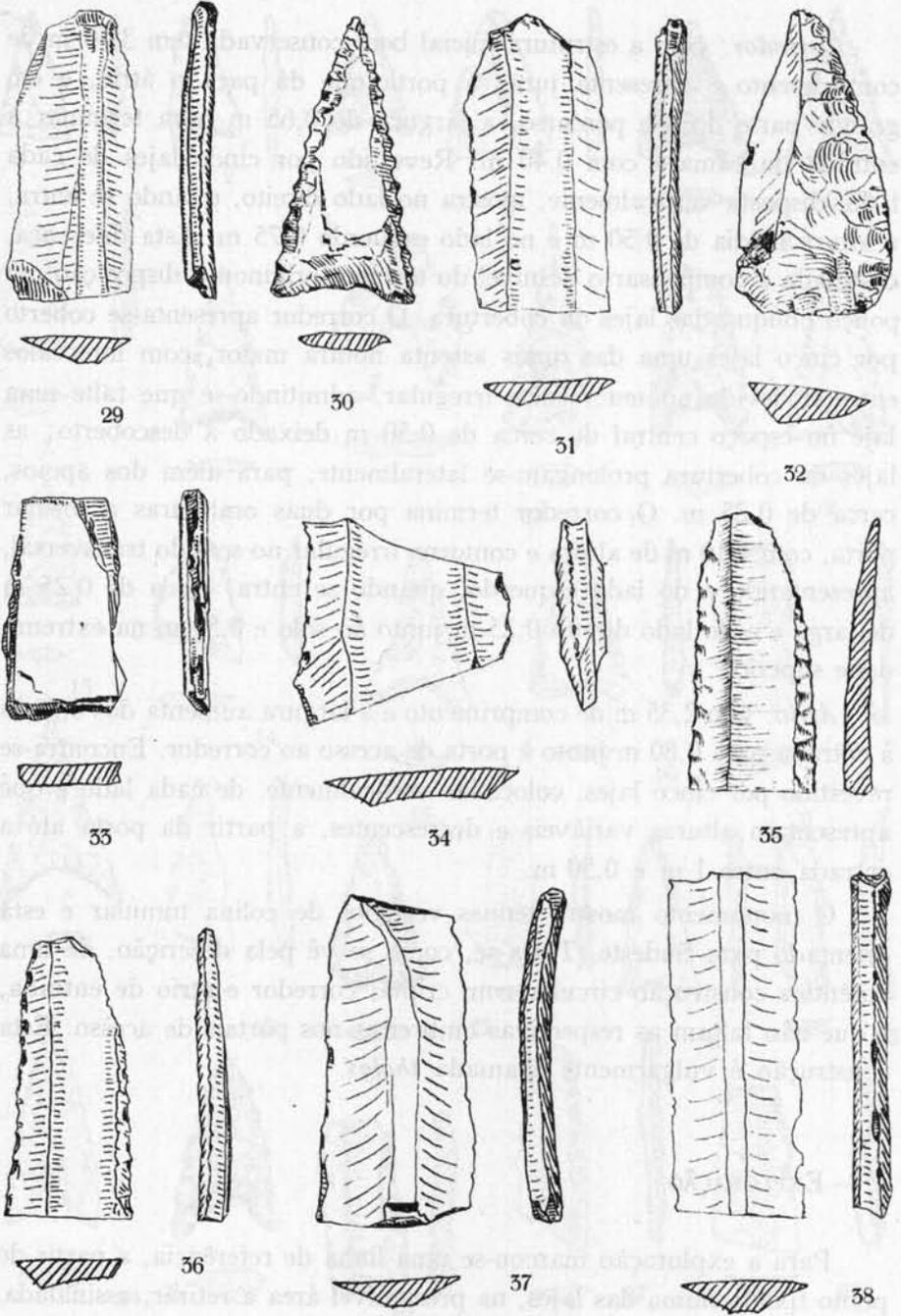


Fig. 3

29, 31, 33-38 — Lâminas de sílex, 30 — Ponta de seta de sílex,  
32 — Pequeno punhal de sílex ( $1/1$ )

linha e o seguimento transversal alcançou as lajes que revestem o monumento.

Escavou-se, assim, talhão por talhão, à colher e à trincha, e registando tridimensionalmente as peças em relação à cota zero fixada, com o auxílio de linhas laterais, divisórias dos talhões e perpendiculares à principal.

A exploração do monumento prolongou-se, morosamente, até o Verão de 1966, sendo objecto de numerosas pequenas campanhas de 4 a 5 dias, quando as condições atmosféricas e os afazeres o permitiram.

Na escavação trabalhámos com dois operários, um para desmontar o terreno e outro incumbido de crivar as terras, enquanto procedíamos ao levantamento, registo e embalagem do espólio recolhido.

Não foi possível determinar estratigrafia, embora se fizessem observações com esse propósito, mas colheram-se amostras de terra, em todos os talhões e a diversas profundidades, com vista a análises granulométricas.

A utilização da superfície, em várias épocas, para forno de carvão, endureceu o terreno, o que associado à circunstância de existir uma cobertura de lajes abatida sobre a câmara tornou difícil a recolha das peças que se apresentavam, na maioria, bastante apertadas na terra.

O espólio antropológico, cujo estudo está a cargo do Instituto de Antropologia Professor Mendes Corrêa da Universidade do Porto, revelou-se bastante danificado e revolvido, não permitindo, até agora, conclusões seguras quanto à posição inicial dos esqueletos nem relação com os objectos com que apareceu muito misturado.

O facto do local ter servido para fornos de carvão obrigará à maior prudência na interpretação dos materiais carbonizados recolhidos, dos quais os retirados a maior profundidade vão ser presentes ao laboratório para efeitos de datação absoluta.

## VI — DESCRIÇÃO DO ESPÓLIO PRINCIPAL

Não vamos, evidentemente, descrever todo este imenso material que acabámos de inventariar mas apenas as peças que nos parecem mais importantes ou raras, ou ainda, aquelas que se apresentam com

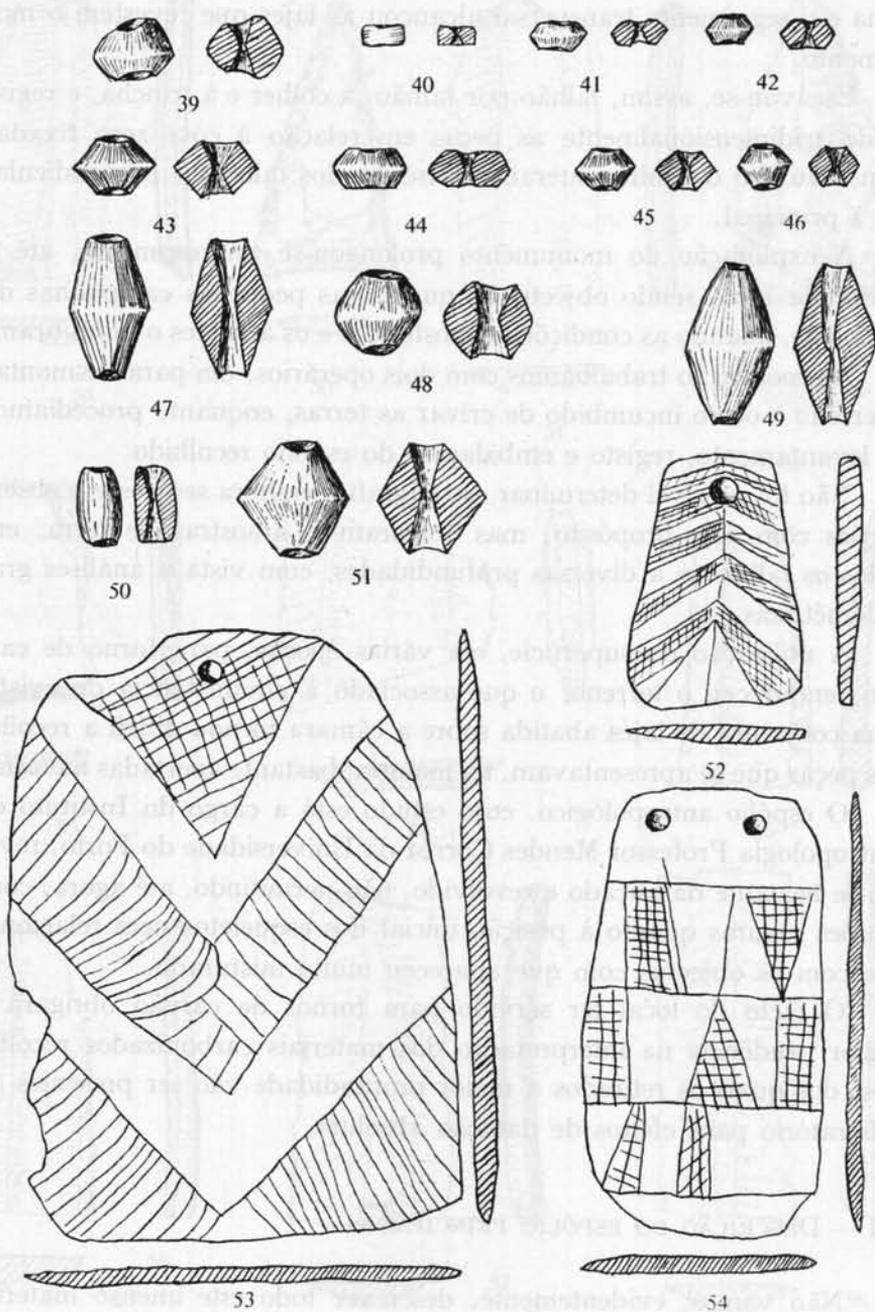


Fig. 4

39-51 — Vários tipos de contas, 52-54 — Placas de xisto ornamentadas ( $\frac{1}{4}$ )

um cunho de ineditismo ou que possam trazer novos elementos para o estudo da época das *thólos* do Sudeste.

1 — Pequena alabarda ou dardo triangular «tipo Casa da Moura-Cesareda» (\*) muito bem trabalhada nas duas faces e na base, com lascas largas e nos bordos com retoques finos. Comp. 75 mm; larg. máx. 68 mm; esp. 5 mm.

2 — Placa de xisto ardoso de reduzidas dimensões de forma trapezoidal com ornamentação em espinha e com dois entalhes, um de cada lado ao nível do furo de suspensão. A decoração está muito gasta. Comp. 47 mm; larg. máx. 32 mm; esp. 4 mm.

3 — Outra pequena placa de xisto ardoso muito cinzento com ornamentação em triângulos reticulados e com furo de suspensão. No reverso tem uma série de traços horizontais, não paralelos, mais acentuados na base da placa. Comp. 60 mm; larg. máx. 39 mm; esp. 3 mm.

4 — Placa de cloritoxisto, subtrapezoidal, com uma ornamentação muito estranha e complicada e, parece-nos, inédita. Comp. 99 mm; larg. máx. 83 mm; esp. 3 mm.

5 — Pequena placa de cloritoxisto com dois furos de suspensão e com decoração muito confusa e complicada. No verso tem também alguns traços de ornamentação. Comp. 85 mm; larg. máx. 45 mm; esp. 2 mm.

6 — Placa de xisto ardoso ornamentada com os habituais triângulos reticulados. Tem a forma antropomórfica em machado peltado. É uma placa de forma extravagante e muito rara. Comp. 162 mm; larg. máx. 117 mm; esp. 4 mm.

7 — Pendente trapezoidal de xisto anfibólico, muito bem polido e desgastado. Comp. 25 mm; larg. máx. 16 mm; esp. 2 mm.

8 — Pendente triangular de serpentina muito bem afeiçoado e polido. Comp. 25 mm; larg. máx. 14 mm; esp. 2 mm.

9 — Pequeno pendente subtriangular de xisto ardoso. Comp. 20 mm; larg. máx. 6 mm; esp. 1 mm.

---

(\*) Vide bibliografia sobre os monumentos funerários de Almeria e, em especial, Georg. e Vera Leisner, «Die megalithgräber der Iberischen Halbinsel» Berlim, 1943.

10 — Ídolo cerâmico a imitar os ídolos falange mas muito imperfeito. É uma peça muito rara. Ídolos deste tipo foram encontrados com certa frequência na região de Almeria (6). Para Portugal esta peça é de extrema raridade se não for única. Comp. 110 mm; larg. 25 mm; esp. 18 mm (Est. V, fig. 55).

11 — Pequena urna de barro vermelho claro de paredes finas com o bordo inclinado para a boca e com carena. Fundo globular. Abertura 50 mm; alt. 48 mm.

12 — Urna globular com asas de suspensão de furo vertical, uma por cima da outra, e seis cordões verticais com ornamentação de traços paralelos. Estes cordões começam no bojo e vão até o bordo da vasilha. A cerâmica é castanha escura. A urna está quase completa. Abertura 95 mm; alt. 78 mm.

13 — Urna globular ornamentada com três traços curvos de um lado e outros três do outro a dar ideia da tatuagem facial. Abertura 85 mm; alt. 90 mm.

14 — Taça carenada de colo baixo tendo na carena dois botões afastados de 20 mm. Abertura 120 mm; alt. 55 mm.

15 — Pequena urna carenada de colo alto, tendo uma das faces do colo um desenho que dá ideia também de tatuagem facial mas em traços direitos e quase paralelos. Abertura 70 mm; alt. 55 mm.

16 — Urna de colo direito sem carena, decorada com quatro botões no princípio do bojo como nas taças de «tipo Almeria» com ornamentação de olhos. Abertura 80 mm; alt. 50 mm.

17 — Placa de barro cozido de forma elíptica com dois furos de suspensão. Foi toda alisada e polida. O barro tem engobe vermelho. Eixo maior 135 mm; eixo menor 90 mm; espessura 20 mm.

#### VII — COMPARAÇÃO DA «THÓLOS» DO ESCOURAL COM OUTROS MONUMENTOS DO MESMO TIPO

As construções funerárias de tipo *thólos* da região do Sudeste peninsular exploradas em Portugal, a sul do rio Tejo, são 28, com a

(6) Georg e Vera Leisner, «Die Megalithgraber...», op. cit.

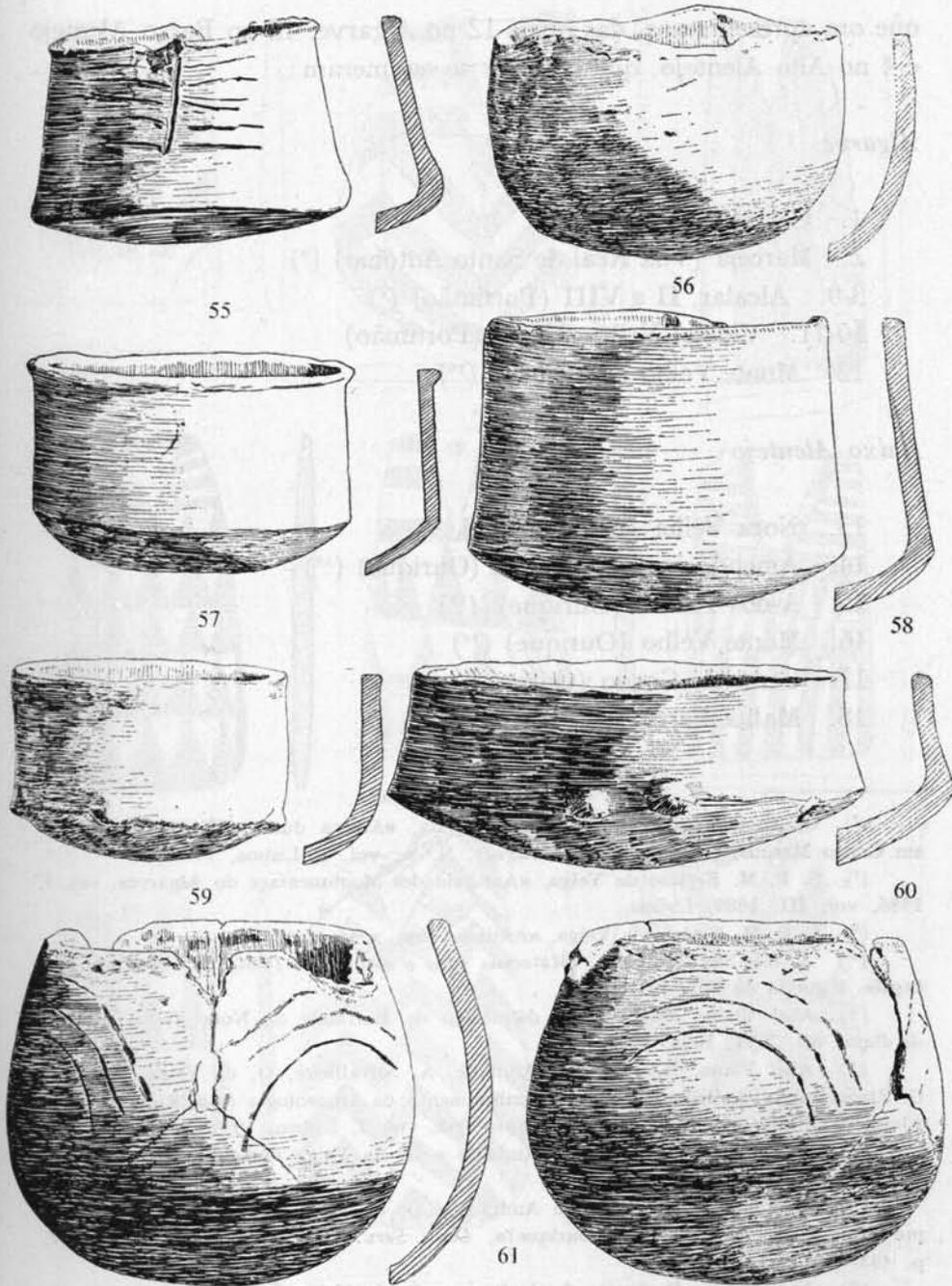


Fig 5

55-61 — Vários tipos de vasos cerâmicos (cerca de 1/2)

que ora apresentamos, das quais 12 no Algarve, 12 no Baixo Alentejo e 4 no Alto Alentejo, que a seguir se enumeram :

### *Algarve*

1. Castro Marim <sup>(7)</sup>
2. Marcela (Vila Real de Santo António) <sup>(8)</sup>
- 3-9. Alcalar, II a VIII (Portimão) <sup>(9)</sup>
- 10-11. Vidigal Velho, IX-X (Portimão)
12. Monte Velho (Portimão) <sup>(10)</sup>

### *Baixo Alentejo*

13. Nora Velha (Ourique) <sup>(11)</sup>
14. Amendoeira Nova-Colos (Ourique) <sup>(12)</sup>
15. A-dos-Tassos (Ourique) <sup>(13)</sup>
16. Monte Velho (Ourique) <sup>(14)</sup>
17. Cerro do Gação (Ourique)
18. Malha Ferro (Ourique) <sup>(15)</sup>

(7) G. Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira, «Acerca duma «Thólos» encontrada em Castro Marim», *O Arqueólogo Português*, N. S., vol. I, Lisboa, 1968.

(8) S. P. M. Estácio da Veiga, «Antiguidades Monumentaes do Algarve», vol. I, 1886, vol. III, 1889, Lisboa.

(9) S. P. M. Estácio da Veiga, «Antiguidades...», op. cit.

(10) A. dos Santos Rocha, «Materiais para o estudo da Idade do Cobre em Portugal», Figueira da Foz, 1911.

(11) Abel Viana, «Monumento dolménico do Barranco da Nora Velha, *Arquivo de Beja*, vol. XVI, Beja, 1959.

(12) Abel Viana, R. Freire de Andrade, A. Serralheiro, O. da Veiga Ferreira e G. Zbyszewski, «Contribuição para o conhecimento da arqueologia megalítica do Baixo Alentejo», *I Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, Lisboa, 1959.

(13) Abel Viana, R. Freire de Andrade e O. da Veiga Ferreira, «Descoberta de dois monumentos...», op. cit.

(14) Abel Viana, R. Freire de Andrade e O. da Veiga Ferreira, «O monumento pre-histórico do Monte Velho (Ourique)», *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XLV, p. 483-492, Lisboa, 1961.

(15) Abel Viana, R. Freire de Andrade e O. da Veiga Ferreira, «O monumento pré-histórico da Malha Ferro (Panoias)», *Revista de Guimarães*, vol. LXX, n.º 1-2, Guimarães, 1960.



Fig. 6

62-70 — Placas de xisto ardoso ornamentadas (cerca de 1/2)

19. Monte das Pereiras (Beja) <sup>(16)</sup>
20. Monte do Outeiro (Aljustrel) <sup>(17)</sup>
21. Odivelas (Ferreira do Alentejo) <sup>(18)</sup>
- 22, 23, 24. Lousal (Grândola) <sup>(19)</sup>

### *Alto Alentejo*

25. Farisôa (Reguengos de Monsaraz) <sup>(20)</sup>
26. Comenda (Reguengos de Monsaraz)
27. Vale de Rodrigo (Évora) <sup>(21)</sup>
28. Santiago do Escoural (Montemor-o-Novo) <sup>(22)</sup>

Identificaram-se, ainda, possíveis monumentos deste tipo noutras regiões do Baixo Alentejo, como Barrancos e Messejana, que aguardam oportunidade de ser escavados.

A distribuição de tais necrópoles a sul do Tejo está relacionada com as áreas onde existem jazidas de cobre, ouro e prata <sup>(23)</sup>.

Na região de Alcalar há minas de cobre e de ouro (S. Estêvão e Montoito) <sup>(24)</sup>. As zonas do Baixo Alentejo onde se situam estes monumentos são, essencialmente, cupríferas (Aljustrel, Lousal, S. João do Deserto e Herdade do Montinho). A poucas centenas de metros do

<sup>(16)</sup> R. Freire de Andrade e A. Serralheiro, «O monumento megalítico do Monte das Pereiras, *Com. Serv. Geol. de Portugal* T. XLV, Lisboa, 1961.

<sup>(17)</sup> Abel Viana, R. Freire de Andrade e O. da Veiga Ferreira, «Um túmulo de «tipo alcalarense», op. cit.

<sup>(18)</sup> Abel Viana, «O monumento megalítico da Folha da Amendoeira (Odivelas do Alentejo)», *Zephyrus*, IV, Salamanca, 1953.

<sup>(19)</sup> O. da Veiga Ferreira e A. Rodrigues Cavaco, «O monumento pré-histórico do Lousal (Grândola)», *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XXXIII, Lisboa, 1952.

— Idem, Idem «Antiguidades do Lousal (Grândola) — Sepulturas descobertas», *Trab. Antrop. e Etnol.* vol. 15, Porto 1955-57.

<sup>(20)</sup> Georg e Vera Leisner, «Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz — materiais para o estudo da cultura megalítica em Portugal», *Instituto de Alta Cultura*, Lisboa, 1951.

<sup>(21)</sup> Georg Leisner, «O dólmen de falsa cúpula de Vale do Rodrigo», *Biblos*, Coimbra, 1944.

<sup>(22)</sup> M. Farinha dos Santos, «A necrópole de tipo «thólos», op. cit.

<sup>(23)</sup> O. da Veiga Ferreira e A. R. Cavaco, «O monumento pré-histórico...», op. cit.

<sup>(24)</sup> S. P. M. Estácio da Veiga, «Antiguidades...», op. cit.

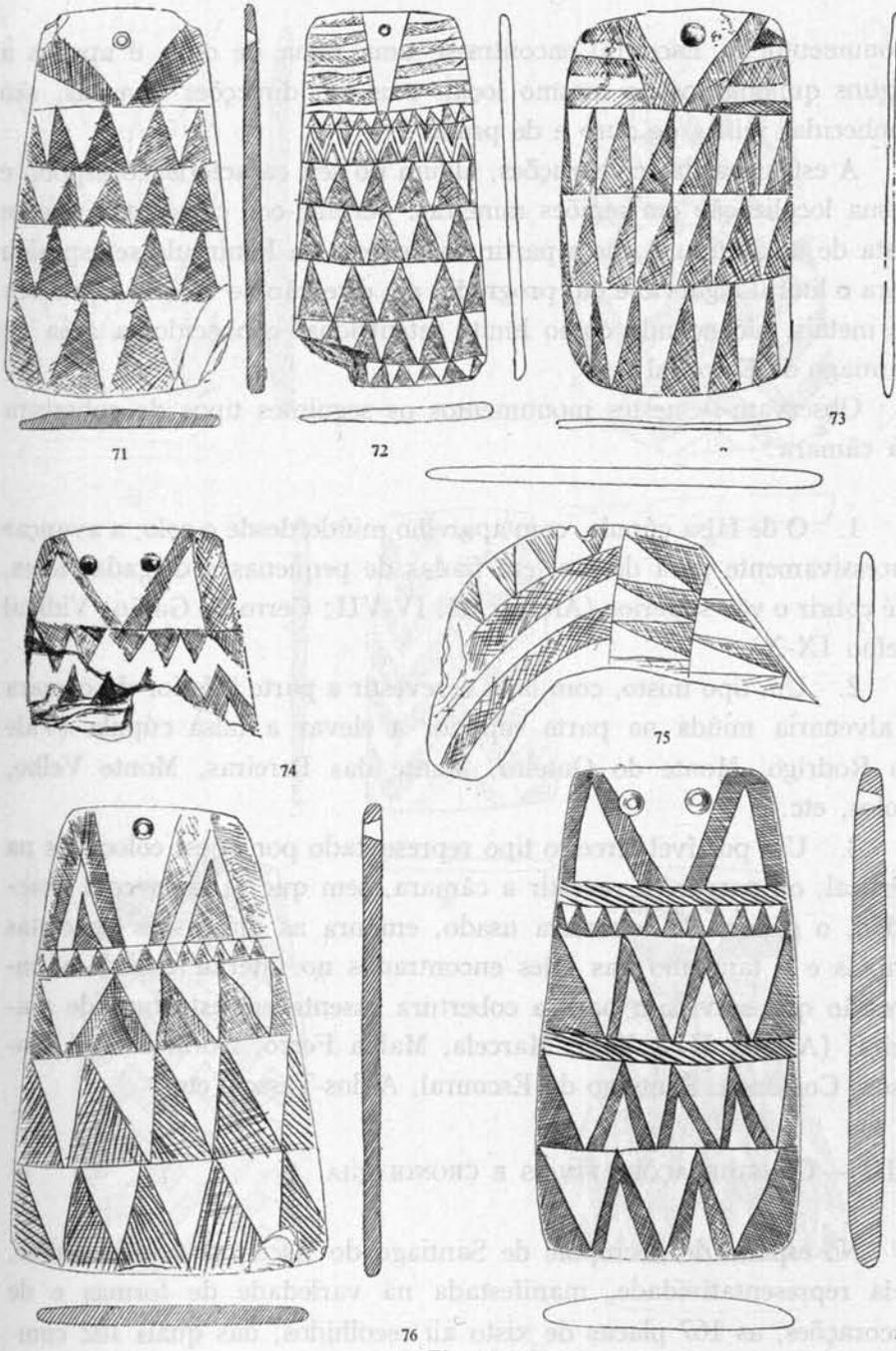


Fig. 7

71 — 74 — 76 — 77 — Placas de xisto ardosiario ornamentadas. 75 — Fragmentos de um «báculo» de xisto ardosiario (cerca de 1/2)

monumento do Escoural encontra-se uma mina de ouro e apenas a alguns quilómetros do mesmo local, mas em direcções diversas, são conhecidas minas de ouro e de prata.

A estrutura das construções, algum do seu característico espólio e a sua localização em regiões mineiras, permite-nos considerar que se trata de uma cultura que a partir do Sudeste da Península se espalhou para o litoral algarvio e daí progrediu em direcção ao Norte, à procura de metais, alcançando como limite setentrional conhecido, a área de Santiago do Escoural.

Observam-se nestes monumentos os seguintes tipos de cobertura da câmara:

1. O de falsa cúpula, com aparelho miúdo desde o solo, a avançar sucessivamente para dentro, em fiadas de pequenas e delgadas lajes, até cobrir o vão superior (Alcalar, II, IV-VII; Cerro do Gatão; Vidigal Velho IX-X).

2. Um tipo misto, com lajes a revestir a parte inferior da câmara e alvenaria miúda na parte superior a elevar a falsa cúpula (Vale do Rodrigo, Monte do Outeiro, Monte das Pereiras, Monte Velho, Colos, etc.).

3. Um possível terceiro tipo representado por lajes, colocadas na vertical, ou parede, a revestir a câmara, sem que se saiba com exactidão, o género de cobertura usado, embora as dimensões de certas criptas e o tamanho das lajes encontradas no interior nos dê a impressão que serviriam para a cobertura assente em estrutura de madeira. (Alcalar III e VIII, Marcela, Malha Ferro, Nora, Lousal, Farisoa, Comenda, Santiago do Escoural, A-dos-Tassos, etc.)

#### VIII — CONSIDERAÇÕES FINAIS E CRONOLOGIA

No espólio de necrópole de Santiago do Escoural evidenciam-se, pela representatividade, manifestada na variedade de formas e de decorações, as 167 placas de xisto ali recolhidos, das quais 102 completas e 65 incompletas, das quais estas nalguns casos ainda reconstituíveis. Além disto, há um fragmento de *báculo*.

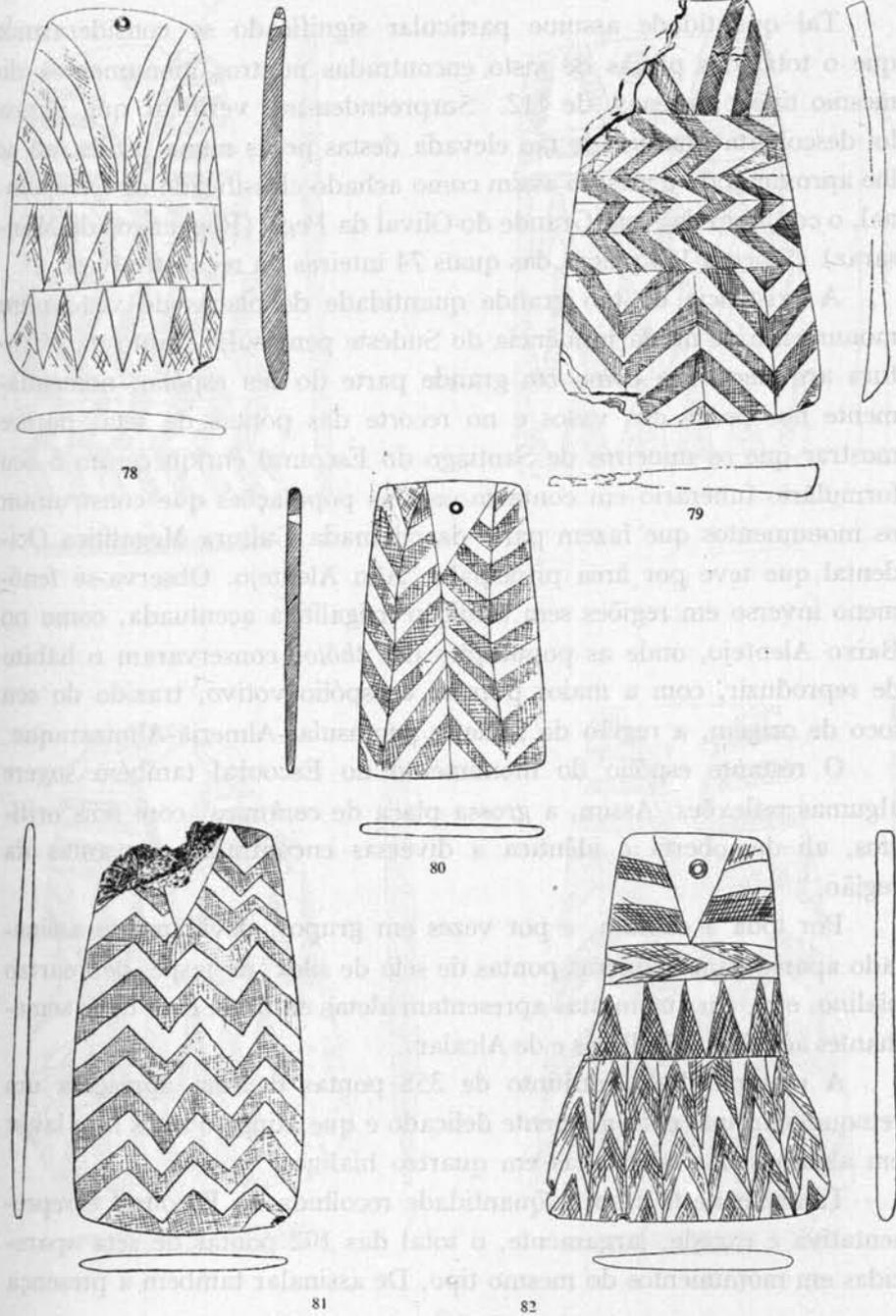


Fig. 8

78-82 — Placas de xisto ardosiario ornamentadas (cerca de 1/2)

Tal quantidade assume particular significado se considerarmos que o total das placas de xisto encontradas noutros monumentos do mesmo tipo é, apenas, de 112. Surpreendeu-nos verificar que nunca foi descoberta quantidade tão elevada destas peças numa jazida, só se lhe aproximando e mesmo assim como achado classificado de excepcional, o conjunto da Anta Grande do Olival da Pega (Reguengos de Monsaraz) <sup>(25)</sup> com 134 placas das quais 74 inteiras ou reconstituíveis.

A existência de tão grande quantidade de placas de xisto num monumento de nítida influência do Sudeste peninsular, tanto na estrutura arquitectónica como em grande parte do seu espólio, nomeadamente nos perfis dos vasos e no recorte das pontas de seta, parece mostrar que os mineiros de Santiago do Escoural enriqueceram o seu formulário funerário em contacto com as populações que construíram os monumentos que fazem parte da chamada Cultura Megalítica Ocidental que teve por área principal o Alto Alentejo. Observa-se fenómeno inverso em regiões sem tradição megalítica acentuada, como no Baixo Alentejo, onde as populações das *thólos* conservaram o hábito de reproduzir, com a maior pureza, o espólio votivo, trazido do seu foco de origem, a região do Sudeste peninsular-Almeria-Almizaraque.

O restante espólio do monumento do Escoural também sugere algumas reflexões. Assim, a grossa placa de cerâmica, com dois orifícios, ali descoberta é idêntica a diversas encontradas em antas da região.

Por toda a câmara, e por vezes em grupos, devidamente assinalado apareceram inúmeras pontas de seta de sílex, de jaspe, de quartzo hialino, etc., em que muitas apresentam aletas na base, com tipos semelhantes aos de Los Millares e de Alcalar.

A maioria deste conjunto de 358 pontas de seta apresenta um retoque marginal extremamente delicado e que atinge o mais fino labor em algumas das fabricadas em quartzo hialino.

Também neste caso, a quantidade recolhida no Escoural é representativa e excede, largamente, o total das 102 pontas de seta aparecidas em monumentos do mesmo tipo. De assinalar também a presença

---

(25) Georg e Vera Leisner, «Antas do Concelho de Reguengos...», op. cit.



Fig. 9

83-86 — Placas de xisto ardosiario ornamentadas (cerca de 1/2)

de microlitos trapezoidais que demonstram uma sobrevivência de tradição tardenoisense.

A cerâmica encontrada no monumento apresenta o seguinte estado de conservação:

16 vasos inteiros;

11 vasos incompletos, inúmeros fragmentos, muitos deles com alguma possibilidade de se poder reconstituir a forma.

Os perfis dos vasos variam, desde os de configuração esférica aos de paredes côncavas e fundo redondo, existindo, ainda, alguns de corpo cilíndrico e fundo arredondado e outros do tipo das taças de pequena altura.

De salientar a cerâmica, quase sempre de tipo dolménico, com a excepção dos vasos com ornamentação tipo «Almeria» e algumas taças de tipo carenado a fazer pensar na cerâmica seguinte, a argárica<sup>(26)</sup>.

As contas e objectos de adorno não fogem do vulgar da cultura megalítica e das grutas da Estremadura portuguesa. Evidencia-se a descoberta de algumas contas de calaíte, pouco vulgar longe do litoral<sup>(27)</sup>.

A alabarda apresenta características muito semelhantes às das alabardas triangulares da Casa da Moura (Cesareda)<sup>(28)</sup>.

Por último, como cronologia, parece estarmos em presença dum monumento funerário que, muito embora tenha muitas influências da Cultura Megalítica Portuguesa e algumas da chamada Cultura Mista da Estremadura, manifesta fortes influências do Sudeste peninsular-Almeria (Los Millares e Almizaraque).

Sabendo-se que a cultura do Sudeste anda à volta dos 2200 anos a. C.<sup>(29)</sup> e tendo nós já medida a cronologia, pelo radiocarbono,

(26) O. da Veiga Ferreira, «Cerâmica de tipo argárico do Museu dos Serviços Geológicos», *Revista de Guimarães*, vol. LXVI, fasc. 3-4, Guimarães, 1956.

— F. Nunes Ribeiro — *O Bronze Meridional Português*, Beja, 1965.

(27) O. da Veiga Ferreira, «Os artefactos pré-históricos de calaíte e sua distribuição em Portugal», *Arqueologia e História*, vol. V, Lisboa, 1954.

(28) Colecção do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal (Sala de Arqueologia).

(29) Martin Almagro, «La primera fecha absoluta para la Cultura de Los Millares à base del carbono 14», *Ampúrias*, T. XXI, Barcelona, 1959.

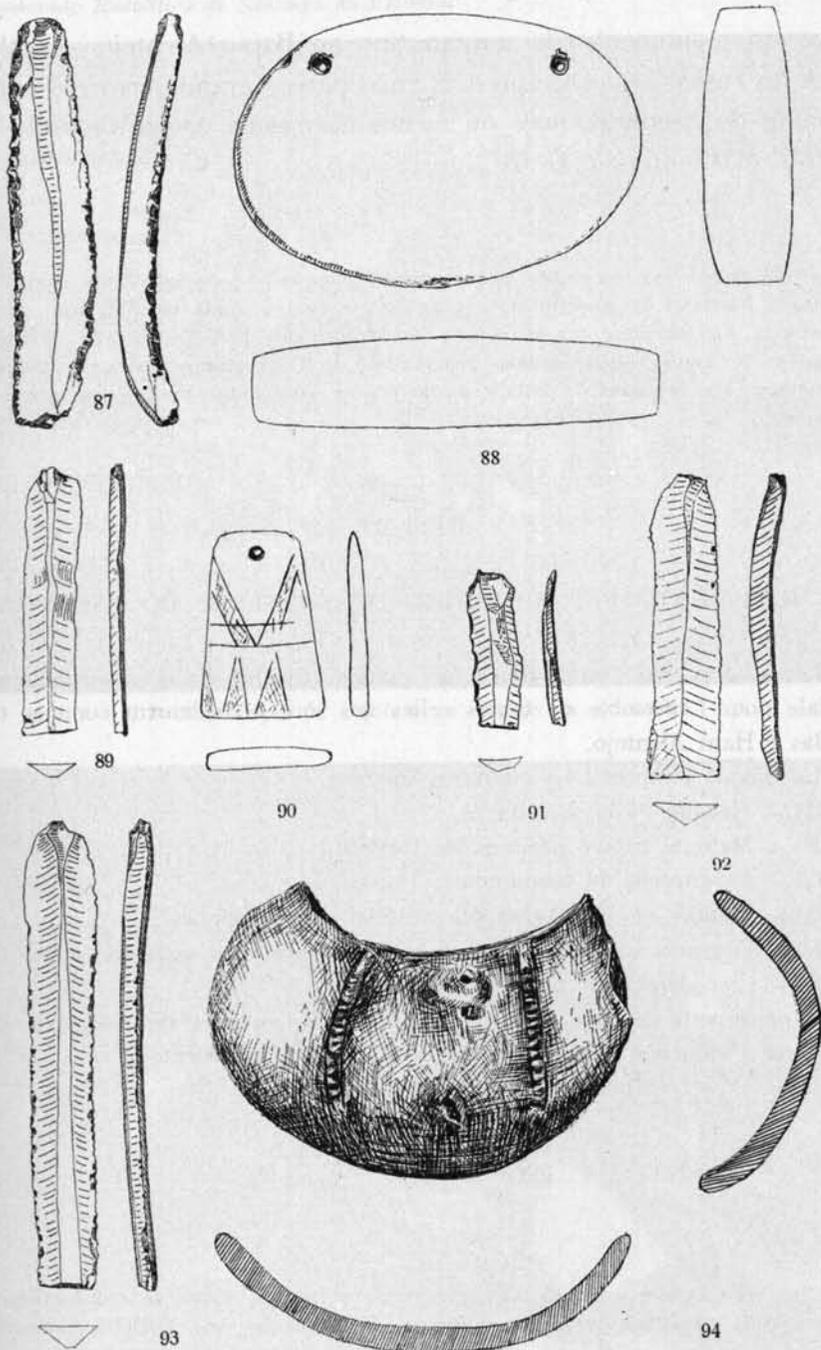


Fig. 10

87, 89, 91, 92 e 93 — Lâmina de sílex, 88 — Placa de barro com dois furos de suspensão, 90 — Placa de xisto ornamentada, 94 — Vaso cerâmico tipo almeriense (cerca de  $\frac{1}{2}$ )

para um monumento do mesmo tipo no Baixo Alentejo — a *thólos* de A-do-Tassos, em Ourique <sup>(30)</sup>, não parece grande erro colocarmos a *thólos* do Escoural, mais ou menos na mesma época, datando-a de cerca de 2000 anos a. C..

*Nota final* — As escavações foram realizadas no âmbito da actividade arqueológica do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia e com a ajuda da Fundação Calouste Gulbenkian. Os desenhos são da autoria de Virgílio dos Reis Cadete e de Francelina Gonçalves Rodrigues. Agradecemos, penhorados, ao Comandante Queimado de Sousa, proprietário da Herdade da Sala, as facilidades concedidas para a exploração do monumento.

## RESUMÉ

### O MONUMENTO PRÉ-HISTÓRICO DE SANTIAGO DO ESCOURAL

Les auteurs font l'étude d'une très grande «tholos» d'une importance toute spéciale pour l'ensemble de toutes celles qui sont actuellement connues dans les Bas e Haut Alentejo.

Le travail comprend les chapitres suivants:

- A) — Histoire de la découverte
- B) — Matériel trouvé pendant les fouilles
- C) — Description du monument
- D) — Fouilles et description du matériel archéologique
- E) — Comparaison entre la «tholos» de Escoural et d'autres du même type
- F) — Considerations finales et chronologie

La découverte de cette «tholos» avec son riche matériel archéologique vient démontrer l'influence almerienne jusque dans le Haut Alentejo.

---

<sup>(30)</sup> Vera Leisner e O. da Veiga Ferreira, «Primeiras datas de rádio-carbono 14 para a Cultura megalítica portuguesa», *Revista de Guimarães*, vol. LXXIII, Guimarães, 1963.

— O. da Veiga Ferreira, «Acêrca dos métodos de escavação e de determinação do radiocarbono 14 em arqueologia», *Arquivo de Beja* vol. XXII, Beja, 1965.